



A REPRESENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO ALUNO SURDO: A VOZ DA SURDEZ.

Barbarela Cruz ¹

Categoria: Comunicação oral

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Acessibilidade e Educação Especial

RESUMO: A trajetória educacional dos sujeitos surdos deu-se ao longo dos anos de maneira conturbada, com o intuito de finalmente proporcionar aos mesmos uma educação que fosse inclusiva e levasse em conta suas especificidades. Ao longo dos anos os aparatos legais vêm apontando para uma educação inclusiva, criando planos e estratégias para que o sujeito surdo seja assistido pela educação, contudo na prática de que maneira essas prerrogativas vem atingindo a sala de aula e o cotidiano do aluno surdo? Pois estão nas escolas, nas salas de aulas, entretanto quantos deles concluem o ensino médio, e ousando mais, quantos deles chegam ao nível superior? Buscando responder estas questões este estudo teve como objetivo geral: Analisar de que maneira as representações educacionais feitas pelo aluno surdo contribuem para suas expectativas profissionais e para alcança-lo, os objetivos específicos foram: identificar o aluno surdo na sala de aula, investigar o uso da Libras com a aprendizagem e verificar como se dá a comunicação entre surdos e ouvintes. Em relação à metodologia para este estudo, a pesquisa adotada foi a pesquisa de campo qualitativa e abordagem materialista histórico dialético. A pesquisa foi realizada em Escola pública da cidade de Belém do Pará. Desta forma os resultados da pesquisa apontaram para a necessidade de se transforma as praticas educativas em seu contexto ideológico, didático e curricular.

Palavras-chave: surdez; educação, representação escolar

1. INTRODUÇÃO

Os surdos devem ser vistos como tendo um acesso diferente ao mundo, eles constituem seu conhecimento através do canal visual-gestual, adquirem a língua de sinais sem dificuldade possibilitando o desenvolvimento tanto dos

¹ Barbarela Karina Cardoso da Cruz. Graduada do curso de licenciatura Plena em Pedagogia (UEPA-universidade do estado do Pará). E-mail: barbarelakarina@gmail.com



UNIFESSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ



aspectos cognitivos, como sócio emocional. Compreendendo assim que estamos diante de uma forma diferenciada de comunicação e entendendo que este sujeito, tem seu pleno direito à educação, para alcançar os mesmos fins que um aluno ouvinte espera alcançar, como tem sido esse ambiente educacional para ele, pois os alunos surdos estão nas escolas, nas salas de aulas. Entretanto quantos deles concluem o ensino médio, e ousando mais, quantos deles chegam ao nível superior?

Dados do MEC de 2003 mostram que “somente 3,6% do total de surdos matriculados conseguem concluir a educação básica”, pois acabam desistindo de frequentar escolas que os caracteriza como “diferentes e/ou especiais”, e que não lhes favorece condições de avançarem em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento. Nas palavras de SKLIAR (2013 apud, WRIGLEY, 1995):

Para aquele que ouve, a surdez representa uma perda da comunicação, a exclusão a parti do seu mundo. Em termos cosmológicos, é uma marca de desaprovação. Ela é a alteridade, um estigma para se ter pena e, por isso, exilada às margens do conhecimento social (...) “seu silêncio” representa banimento ou, na melhor das hipóteses, solidão e isolamento. A atividade missionária e o auxílio caridoso são encorajados como as respostas moralmente legítimas. SKLIAR (2013 apud, WRIGLEY, 1995, p.16)

Ao longo da historia das pessoas surdas varias concepções permearam e moldaram os percalços da sua educação e visibilidade social, sendo importante compreender que essas concepções direcionam um discurso, que por sua vez podem qualificar ou desqualificar, servindo dessa forma como ferramenta de exaltação ou punição. Na concepção clinica de surdez, por exemplo, os sujeitos surdos são vistos como pessoas patologizadas, a surdez nesta perspectiva é uma doença que deve ser tratada e curada, essa concepção busca tornar o surdo aceitável para a sociedade, “normalizando-o” por meio da imposição da fala oralizada, almejando torná-lo o mais parecido possível com o ouvinte.

Para a concepção sócio-antropológica, por outro lado o surdo é concebido como um sujeito com uma vivencia cultural visual, que percebe o mundo a sua volta

por meio de mecanismos que diferem daqueles usados por quem é ouvintes, nesta concepção a surdez não é uma doença, mas sim uma condição humana, nela o surdo tem uma língua, tem uma identidade.

As concepções pela qual os surdos são percebidos intervêm diretamente nas questões educacionais, o banimento e solidão pontuados por Wrigley, são realidades na história da educação dos surdos no Brasil, além dos castigos físicos e das punições psicológicas, as pessoas surdas eram torturadas, apanhavam nas mãos, para não fazer sinais, levavam choques no ouvido, numa tentativa de “curar” a surdez. Podendo-se dessa forma concluir que tais fatos foram levando ao fracasso escolar dos surdos; história, sociologia, filosofia, estatística, nada disso importava, pois ao surdo o currículo disciplinar imposto era apenas um: falar.

Antes de se questionar uma estrutura educacional de qualidade para os alunos surdos, se faz necessário refletir sobre de quem estamos falando: o surdo, este sujeito experimenta o mundo pela percepção visual, é sua forma de comunicar-se com o mesmo, os gestos são palavras e as expressões sentimentos. Mas nós invisibilizamos esse sujeito quando lhes damos uma acessibilidade parcial, que o coloca em uma sala de aula, mas não lhe dar subsídios, para alcançar e desfrutar dos fins educacionais, pois estar numa sala de aula regular não significa que esse aluno tem tido sua maneira de aprender respeitada, pois a língua brasileira de sinais (Libras) é sua língua materna. O surdo não deve aprender a língua Portuguesa, por exemplo, para então aprender a libras. Como já fora dito, este sujeito percebe o mundo de uma maneira específica. Logo sua forma de comunicação é diferenciada. Contudo como os educadores estão desenvolvendo a aprendizagem deste aluno?

A surdez, segundo Perlin (1998), deve ser encarada como uma diferença a ser respeitada, e não como uma "anomalia" a ser eliminada, pois o surdo apresenta cultura e identidades próprias. O preconceito em relação a esses alunos e à sua cultura deve ser desfeito através de esclarecimentos e intervenções realizados

pelo professor em sala de aula. Somente assim teremos uma educação completa que alcance os alunos surdos. Segundo Botelho (1998) e Lacerda (2000), como o aluno surdo tem uma língua própria, a qual não é conhecida pelos professores nem compartilhada pelos demais alunos, ele sofre uma desigualdade linguística, sem ter garantia de acesso aos conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento cognitivo. Sobre tal SKILIAR (2000) pontua:

A possibilidade de trabalhar com as idéias do multiculturalismo crítico (MCLAREN, 1997) permite-nos optar pelo caminho em que a surdez é vista como uma diferença política e uma experiência visual e, assim, pensar-mos as identidades surdas a partir do conceito de diferença, e não de deficiência. Aqui implica distanciarmo-nos do conceito de diferença como exclusão, e marginalização daqueles que são considerados como os "outros", daqueles que parecem estar "fora do lugar". A surdez, como diferença nega uma atribuição puramente externa do ser surdo a alguma característica marcante, como por exemplo, não ouvir. (SKLIAR, 2000, p. 20).

Essas pessoas foram então excluídas da sociedade e seus direitos, principalmente os de acesso ao trabalho e educação foram desrespeitados de maneira que não se fala quem é esse aluno surdo, seu histórico de segregação educacional, suas expectativas futuras, onde a educação irá lhe levar, que lugar na sociedade tem esse aluno? De acordo com STROBEL (2007):

A sociedade não conhece nada sobre o povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, com "coitadinhos", que pena, ou lida como se tivessem "uma doença contagiosa" ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento. Faço menção de um acontecimento da infância de uma surda: Os meus colegas não aceitavam porque tinham receio de que a surdez pegasse como uma doença contagiosa, eles tinham medo de falar comigo, achando que eu não iria compreender, sempre que estava na fila por ordem de chegada, às vezes a primeira, por morar próximo à escola, eles me puxavam pelos meus longos cabelos negros que estavam trançados como de uma índia, me arrastavam e colocavam como última da fila, sem entender muito bem, eu aceitava as imposições. (STROBEL 2007 p. 21-22):

Sendo assim é preciso dar "voz" a esse aluno que ao penetrar no ambiente escolar faz as mais diversas significações deste meio, significações estas

que não esta sendo estimada. Pela dissonância de comunicação, pois o ambiente que deveria valorizar as culturas, respeitar as mais diversas formas de diferenças tem sido o ambiente onde não há “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo” como afirma a declaração dos direitos humanos.

Portanto, levantamos como **problemática de investigação**: *De que maneira as representações educacionais feitas pelos alunos surdos contribuem para suas expectativas profissionais?*

Dessa forma esta pesquisa teve como objetivo geral: Analisar de que maneira as representações educacionais feitas pelo aluno surdo contribuem para suas expectativas profissionais. E, os objetivos específicos foram:

- Identificar o aluno surdo na sala de aula.
- Investiga o uso da Libras com a aprendizagem.
- Verificar como se dá a comunicação entre surdos e ouvintes

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para este estudo a pesquisa adotada foi a **pesquisa qualitativa**, baseada em Farias (2013) que afirma que a pesquisa qualitativa parte de uma ótica da relação dinamizada entre o pesquisador e o mundo real, focando-se no objeto de estudo e no subjetivo do pesquisador, desta forma não pode ser traduzida em quantidades numéricas. Contudo a abordagem qualitativa é a melhor opção para poder responder as questões a serem investigadas, pois essa pesquisa descreve a complexidade do problema em questão.

No primeiro momento optou-se pela técnica da observação participante para a extração de coleta de dados neste caso os alunos foram o objeto de estudo.

Esta observação se deu Primeiro de maneira geral, observando os educandos em suas relações sociais no momento de intervalo e na sala do AEE (local que visitam com frequência); posteriormente as observações se deram em sala de aula, acompanhando os alunos no momento da aula, identificando os mesmos e analisando as técnicas de aprendizagens bem como verificar as relações de comunicação com o professor e os demais alunos.

Na segunda etapa ocorreu uma **entrevista** semi-estruturada, tendo sido escolhido este tipo de entrevista por permitir maior flexibilidade nas perguntas e respostas, deixando o entrevistado mais confortável, permitindo uma abertura de seu discurso, mas ainda assim mantendo o controle da entrevista, para que não se fuja do assunto, tendo como mediação a interprete de Libras do AEE da escola

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram observados oito alunos surdos e entrevistados seis, dos quais dois estão no oitavo e seis no ensino médio. A razão pela qual os dois alunos do oitavo ano entraram na pesquisa se deu por conta de suas idades estando ambos na faixa dos vinte anos, já trabalharem e, portanto estão na disfunção idade serie.

3.1 Descrição da Observação.

Observaram-se nesta pesquisa que poucas são as interações entre ouvintes e surdos, os alunos surdos das diversas turmas mesmo de idades diferentes nos intervalos juntam-se e criam em torno de si uma espécie de campo de força, para também serem fortes, e em seu pequeno grupo social se sintam iguais, identificam-se uns com os outros. Afastados dos ouvintes criam seu próprio universo, como se houvesse outra escola dentro de uma maior, e neste pequeno universo estão os alunos surdos sendo resistente a educação que conquistaram, mas que ainda os exclui. Embora existam muitas barreiras sociais, políticas e culturais que dificultam a organização cultural dos surdos, estes conseguem resistir às imposições por meio de sua organização no grupo (SKLIAR 2013).

Nas salas acompanhadas foi possível notar uma distância exorbitante entre professores e alunos surdos, não uma distância física, mas sim atitudinal, como se um grande muro dividisse-os, esse muro representa a comunicação neste caso a falta dela. A surdez ainda se mostra um grande desafio aos docentes, que não utilizam a Língua Brasileira de Sinais, língua materna do surdo em suas aulas, como se o aluno surdo fosse um sujeito doente, percebendo-se assim a visão clínica muito presente ainda nos dias de hoje envolta do sujeito surdo e principalmente na escola.

Dessa forma fica claro que os alunos surdos estão nas escolas, nas classes regulares sim, mas não entendem, não aprendem. Denotando expressivamente que o modelo de integração não acabou. De acordo com Dorziat (2009) historicamente a meta maior da educação de surdos foi a integração social, passando pela integração escolar dos mesmos, maneira que eram aconselhados a frequentar a escola de ouvintes e paralelamente a escola especial como era chamada e com isso pretendia-se pouco a pouco que os surdos se desvinculassem da escola especial e tendessem mais a permanecer integrados no ambiente de ouvintes, mas o que ocorreu foi o oposto tal experiência fortaleceu a resistência da surdez à escola regular devido ao isolamento imposto pelos muros da comunicação, ou falta dela.

Descrição das Narrativas dos Educandos

As narrativas dos alunos fazem menção aos eixos temáticos abordados na entrevista como: experiência na classe regular; e expectativa profissional.

Foi perguntado ao entrevistado da seguinte forma: **Você já foi reprovado ou já repetiu algum ano por não conseguir acompanhar os demais alunos nas disciplinas?** Obtivemos Como resposta:

"Sim, na quinta e sexta série, eu era o único surdo da escola, brigava sempre com os ouvintes que por ser surdo zombavam de mim, parei de estudar por cinco anos por isso. Mas depois voltei" (FRANK)

"Sim, na quinta série repeti três vezes, não entendia nada, pedia para me explicar em Libras, Mas ninguém sabia." (THALIA)

"Sim, na quinta série, era muito difícil os professores só oralizavam, só usavam o português e eu só copiava não entendia, parei por um tempo de estudar e depois voltei." (CLARISSE)

"Sim repeti duas vezes e até parei de estudar porque na escola não tinha interprete eu não entendia nada" (ANABETH)

Acerca das dificuldades nas classes regulares, como aprendizagem, metodologia do professor, trabalhos em grupo. Foi feita a seguinte pergunta: **Qual a sua maior dificuldade estudar em uma classe regular?** Sobre tal as respostas foram as seguintes

"É difícil, por que ninguém ajuda. Não entendo o professor só fala, Não usa libras não explicam." (CLARISSE)

"É difícil porque o professor só fala e eu não entendo, sou surda" (ANABETH)

"É difícil, antes quando tinha mais amigos surdos Eles me ajudavam, agora sou o único surdo na sala, Os amigos ouvintes ajudam a escrever Quando é trabalho em grupo, Mas é difícil nas disciplinas Que não entendo." (NICO)

Percebe-se nas falas dos educandos a unanimidade em se referir a ausência da Libras na sala de aula pelos professores, apontando não somente para a questão da formação docente, mas também do interprete que lhes é assegurado por lei, que seria o profissional habilitado a ser o mediador entre o surdo e o conhecimento passado pelos docentes, mas que ainda não é uma realidade na escola.

O uso da Libras como forma de comunicação e interação dentro da sala de aula é condição indispensável para que a educação aconteça, pois, sem interação efetiva entre aluno e o professor e entre o aluno e seus pares, o processo educativo não pode avançar.(STUMPF, 2007 apud SALLES; GAUCHE, 2011)

Com relação ao acesso ao nível superior foi perguntado aos educandos o seguinte: **Você acredita que é mais difícil para o surdo passar no vestibular do que o ouvinte?** Como respostas obtiveram-se:

"Sim, porque o ouvinte escuta e o surdo não, se tiver um interprete é mais fácil." (CLARISSE)

"Mais ou menos, acho que é mais difícil para o surdo porque ele não ouve e não sabe português." (LUKE)

A última pergunta da entrevista acerca das questões inclusivas foi a seguinte: **Em sua opinião o que precisa mudar para que a educação seja verdadeiramente inclusiva?** As respostas foram as seguintes:

“Precisa de um intérprete para surdo aprender melhor e os professores darem aula em Libras.” (FRANK)

“O professor precisa usar Libras para o surdo aprender e precisa ter intérprete.” (CLARISSE)

“Tem que ter mais surdos na escola, intérprete e os professores precisam saber Libras.” (ANABETH)

O processo de inclusão do aluno surdo em classes comuns, com a presença da Língua Brasileira de Sinais nesse espaço, é recente e de difícil compreensão para os professores. Muitos relutam em aprender a Libras, pois não entendem sua real importância para o surdo (SALLES; GAUCHE, 2011)

Observa-se, portanto, que embora as escolas privilegiem um discurso de aceitação à diversidade, no dia-a-dia não atendem às especificidades do processo ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, que continuam sendo responsabilidade dos serviços de apoio especializado (GLAT e BLANCO, 2007).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal foco desta pesquisa foi investigar quais as representações da educação feita pelo aluno surdo, e como esta representação contribui para suas expectativas profissionais. Isto foi realizado dando-lhe espaço para que fizesse suas próprias considerações, relatos e expectativas tendo sido seus discursos transpassados na íntegra para este estudo.

A pesquisa mostrou um grande descontentamento por parte dos alunos surdos com relação a falta da inclusão efetiva, assim como denotou suas expectativas de adentrar no nível superior, mas a grande carência de ter uma educação regular que efetivamente lhes prepare para tal.

Em relação ao objetivo geral “Analisar de que maneira as representações educacionais feitas pelo aluno surdo contribuem para suas expectativas profissionais”. Concluímos ao fim deste estudo que a prática educacional que deveria assegurar a concretização das expectativas do educandos surdos, ainda está a passos largos de possibilitar ao mesmo sair do ensino regular preparado para uma vida profissional por meio do ensino superior, ainda que isto não os impeça de continuar tendo perspectivas futuras, pois encontram na educação especializada a possibilidade de receber a preparação que necessitam para suas realizações e assim o fazem, contudo percebeu-se que tais expectativas ainda são limitadas e envoltas de incertezas, fruto da vivência educacional e como a mesma os tem limitado, ainda que indiretamente.

Compreende-se que este estudo foi realizado com uma pequena amostra de um universo educacional bem maior, contudo deve-se levar em consideração para fins de fidedignidade dos dados obtidos, que o lócus da pesquisa, foi uma das escolas tidas como referência em educação inclusiva no estado, estando entre as escolas regulares que possuem um elevado índice de matrículas de alunos surdos.

As narrativas dos educandos permitiram a esta pesquisa ter, mas veracidade, fazendo com que este estudo não fosse mais uma pesquisa que se remete a surdez, mas tomando por base as representações de ouvintes, sempre da educação para o surdo e não do surdo para a educação, impedindo que este sujeito tenha uma voz e participe nos estudos no qual ele é objeto de estudo. Diferenciando-se deste tipo de estudo, esta pesquisa buscou atribuir ao sujeito surdo uma “voz”, termo utilizado neste estudo sugerindo, representação e até mesmo identidade, a fim de torna visível aqueles que foram invisibilizados pelo sistema.

REFERÊNCIAS

BISOL, C. A., Valentini, C. B., Simioni, J. L., & Zanchin, J. (2010). Estudantes surdos no ensino superior: Reflexões sobre a inclusão. *Cadernos de Pesquisa*, 40(139), 147-172.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. **Lei nº9394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

BOTELHO, P. Segredos e silêncios na educação de surdos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Linguagem e Letramento na Educação de Surdos: Ideologias e práticas pedagógicas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DOZIART, Ana.O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/ Diferença, Currículo e Inclusão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FOCALT, Michel. A Ordem do Discurso. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOFFREDO, V. L. F. S. A Inclusão da pessoa surda no ensino superior. *Fórum*, Rio de Janeiro, v.10, p.16-22, dez. 2004.

GLAT, R.; BLANCO, L.de M. V. Educação especial no contexto de uma educação inclusiva. In: GLAT, R. (Org.). *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar.* Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 2007.

KASSAR, M.de C.M. uma leitura da educação especial no Brasil.

**IV CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
18 a 20 de outubro de 2017 – UNIFESSPA/Marabá-PA
ISSN 2526-3579**

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei Federal 9399. Brasília: Diário Oficial da União, 20 dez. 1996.

LONGMAN, L. V. Memórias de surdos. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed.Massangana, 2007.

MAZZOTTA, Marcos J.S. educação especial no Brasil historia e Políticas Públicas. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, Brasília, _____07/01/2008.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes, imaginários e representação na educação especial:** A problemática ética da “diferença” e da exclusão social. Petropolis, RJ: Vozes,2004.

OLIVEIRA, E.S.G. **Fundamentos teóricos e metodológicos da inclusão.** Curitiba:IESDE, Brasil S.A.,2008.

OSTI, Andréia. **Dificuldade de aprendizagem, afetividade e representações sociais:** reflexão para a formação docente. Jundiaí, Paco Editorial, 2012.

PERLIN, G.T.T. **Identidades surdas.** SKLIAR, C.(org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice ,Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Artmed editora S.A, Porto Alegre, 1997.

SÁ, Nídia Regina Limeira de, Cultura, Poder e Educação de Surdos. Manaus: INEP, Surdez: **processos educativos e subjetividade.** São Paulo: Lovise, 2000.

SALLES, Paulo Sérgio Bretas de Almeida; GAUCHE, Ricardo. Educação científica inclusão social e acessibilidade. Goiânia: Cênone Editorial, 2011.

SKLIAR, Carlos, Educação & exclusão: abordagens sócioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997 2002

_____, **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

_____. **A localização política da educação bilíngüe para surdos.** In: Atualidade da Educação Bilíngüe. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

_____. **Estudos surdos e estudos culturais em educação.** In: LACERDA, Cristin Broglia Feitosa; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Orgs.) Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000.

_____. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.